



Via Látex - Elienai Gomes, 2025

XXXIV  
**CONFAEB**  
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil  
Congresso Internacional de Arte/Educadores

## **DIÁRIO DE BORDO, LIVRO DIDÁTICO E CADERNO DE ARTISTA: O USO DE MATERIAIS TRADICIONAIS NO AUXÍLIO DO FAZER ARTE JUNTO AO IMAGINÁRIO**

### **LOGBOOK, SCHOOL TEXTBOOK AND ARTIST'S NOTEBOOK: THE USE OF TRADITIONAL MATERIALS TO HELP MAKING ART WITH IMAGINARY**

Iris Alessandra da Silva<sup>1</sup>

UFPB

Jessica Aline Tardivo<sup>2</sup>

UFPE

**Resumo:** O presente artigo visa delinear algumas reflexões preliminares dadas através de leituras realizadas no mestrado em Artes Visuais. Em seu caráter qualitativo, a abordagem dessas reflexões surgem a partir de breve revisão bibliográfica. Com isso, escrevemos sobre três tipos de materiais, são eles: Diário de Bordo, Livro Didático e Caderno de Artista. Em relação aos objetivos, o trabalho pretende: i) expor quesitos dos materiais diário de bordo, livro didático e caderno de artista, ii) refletir acerca do fomento do fazer arte a partir do formato livro. iii) elencar algumas das percepções acerca do uso destes materiais na formação do imaginário. Sendo assim, os resultados demonstram perspectivas voltadas aos três tipos de materiais que podem ser encontrados durante a trajetória de formação artística, cuja utilização pode se dar de diversas maneiras. Portanto, o diário de bordo pode facilitar o pensamento durante processo criativo, perpassa por constatação (fixas ou mutáveis) no fazer arte. Os critérios para o uso do material livro didático no ensino de artes é assunto de constante discussão, porém pode ter sua utilização ainda presente na formação artística uma vez que possuem alguns aportes teóricos sobre as visualidades, mesmo que seja um livro com ilustração e não um livro ilustrado. Por fim, o caderno de artista possui suas potencialidades nos seguintes pontos: pessoais (do artista), acadêmicos e de convergência com quem tem contato com o material. Ademais, a conclusão aborda as potencialidades dos materiais relatados e quais noções fundamentadas a partir do presente trabalho.

**Palavras-chave:** Diário de Bordo; Livro Didático; Caderno de Artista; Fazer Arte; Imaginário.

**Abstract:** This article aims to outline some preliminary reflections given through readings carried out in the Master's Degree in Visual Arts. In its qualitative nature, the approach to these reflections arises from a brief bibliographical review. With that, we write about three types of materials, namely: Logbook, School Textbook and Artist's Notebook. Regarding the

---

<sup>1</sup> Mestranda em Artes Visuais no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE), bolsista CNPQ. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPB). Atua na área de análise acadêmica da imagem no processo de ensino e aprendizagem. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8481172243380373>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-2645-2369>.

<sup>2</sup> Professora substituta de Artes Visuais pela UFPE. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela USP. Mestra em Educação Escolar pela UNESP. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2658993454212592>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5811-8544>.



objectives, the work aims to: i) expose issues of the materials logbook, school textbook and artist's notebook, ii) reflect on the promotion of art making from the book format; iii) list some of the perceptions about the use of these materials in the formation of the imaginary. Therefore, the results demonstrate perspectives focused on the three types of materials that can be encountered during the artistic training trajectory, which can be used in different ways. Therefore, the logbook can facilitate thinking during the creative process, passing through observations (fixed or changeable) in the making of art. The criteria for using school textbook material for teaching arts is a subject of constant discussion, but it can still be used in artistic training since it has some theoretical contributions on visuals, even if it is a book with illustrations and not a picture book. Finally, the artist's notebook has potential in the following areas: personal (for the artist), academic, and in terms of convergence with those who have contact with the material. Furthermore, the conclusion addresses the potential of the materials reported and the notions based on this work.

**Keywords:** Logbook; School Textbook; Artist's Notebook; Make Art; Imaginary.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa o delineamento de reflexões preliminares que se iniciaram nos estudos do mestrado em Artes Visuais. É voltado a algumas ideias em torno de um material que, além de formatos parecidos, podem auxiliar a formação artística de várias maneiras: o livro. A intenção está em praticar a escrita, unido à formulação textual de percepções voltadas às reflexões em torno do ensino de arte e que convergem no uso de livros ou remetem ao imaginário no fazer arte. A inspiração para a o texto também se fez em relação ao notarmos a constância a qual o formato do livro é utilizado, embora tantas tecnologias existentes na contemporaneidade. É com o uso dos livros, em suas variadas maneiras e diversas perspectivas, que muitas pessoas conseguem ter contato com realidades plurais, em que suas percepções podem sofrer mudanças ou serem tocadas.

Sendo assim, uma vez que possui forma relativamente comum, o livro consegue alcançar mais facilmente funções que materializam não apenas um registro, podem também contemplar formas singulares de expressão, inclusive expressões artísticas. A partir da ferramenta livro, o fazer artístico consegue não só ter contato com algo já produzido, como também preparação de algum impresso a ser formulado para disponibilização posterior. Nele o sujeito é capaz de realizar busca por referências, assimilar vivências aos conteúdos ministrados em ambientes escolares e alcançar outras pessoas a partir de suas produções.



Ao abordar os processos pertencentes ao uso de livros e seus diferentes formatos para o fazer artístico, priorizamos a justificativa que: ao avanço dos tempos o ensino de arte, embora tenha conquistado vários avanços, ainda é desvalorizado. Sendo assim, na realidade ainda é possível que se observe situações que acarretam na precariedade da disponibilização de materiais que proporcionem o fazer arte, tal problemática passa a não possibilitar o fomento no apoio de formação da singularidade artística e sua linguagem em ambientes formais, informais ou não formais. Além disso, Boris Groys (2017) aponta que “a arte tem sido vista, tradicionalmente, como inútil” (GROYS, 2017, p. 2017), em que o ato criador (assim como seu ativismo) é sentenciado ao provável fracasso. Portanto, é fundamental a insistência de formulações de materiais e métodos, que embora sejam bastante comuns, consigam materializar o processo de criar novas linguagens artísticas.

Ao se observar linguagem usada nos seus quesitos educacionais, apontando Marcos Angelus Miranda de Alcantara e Erenildo João Carlos (2013) e de concordância para a presente reflexão, fundamenta o embasamento dos códigos e signos como naturais dos seres vivos. Com isso, temos a especificação de que tais modos de linguagem atuam num comunicar mais voltado ao pensar socialmente, como o ser humano tanto valoriza na sua transição para ‘ser social’. No que se refere a esse teor evolutivo humano, surgem variadas formas de comunicação.

A partir do que foi apontado anteriormente, surgem algumas questões em relação ao material livro como: podem os livros ainda serem objetos de uso no fazer arte? As linguagens empregadas em ou para a formulação desses livros estimulam o imaginário artístico? Em relação aos objetivos do presente trabalho, o primeiro e principal se refere a expor quesitos dos materiais diário de bordo, livro didático e caderno de artista, Já dos objetivos específicos procuramos refletir acerca do fomento do fazer arte a partir do formato livro. Além disso, busca-se elencar algumas das percepções acerca do uso destes materiais na formação do imaginário. O desenho da metodologia possui caráter qualitativo, cuja função primordial está em orientar os rumos do trabalho a partir de algumas leituras realizadas para a pesquisa de mestrado e reflexões as quais foram o ponto de partida.

Ao determinar o objeto de pesquisa voltado a partir de Maria Cecília de Souza Minayo (2001), a pesquisa corrobora com a importância em abranger os estudos a



fim de aprimorar: concepções teóricas, teorias e metodologias que “caminham juntas, intrincavelmente inseparáveis. A abordagem qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos” (Minayo, 2001, p. 21).

## 2 DESENVOLVIMENTO

Dos materiais físicos cuja utilização serão comentadas, tanto de o diário de bordo quanto o caderno de artista podem contemplar ambas as perspectivas, o que define em qual tipo o produto irá fazer parte será a funcionalidade da imagem nestes materiais. É de se imaginar que, por descrever processos e relatar vivências pessoais, para além do explicativo, o diário de bordo e o caderno de artista alcance mais facilmente o grupo de livros ilustrados, isso faz com que as artes feitas durante os processos de sua produção ganhem uma qualidade mais pessoal.

A forma na qual ambos os materiais ganham essa classificação também dependem das maneiras de comunicação as quais os conhecimentos e experiências decidem ser comunicados. Com a finalidade de delinear quais tipos de produtos artísticos no formato livro seriam abordados no presente artigo, delimitamos 3 materiais que seguem um critério que vai do mais abrangente, em que não são utilizados apenas no ensino de arte até o que é mais comum quando o quesito é a linguagem artística no ato de criar. A partir de Maria Eduarda Mendonça Cunha (2024), no livro ilustrado

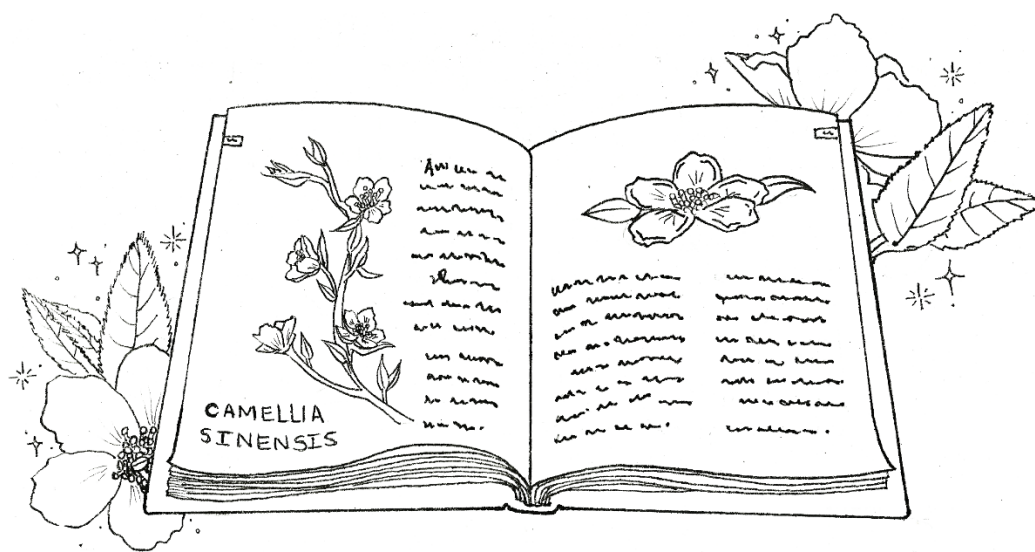
o texto e as ilustrações são igualmente importantes e se complementam. Enquanto o texto pode contar a história principal, as imagens adicionam detalhes, nuances ou subtramas, muitas vezes transmitindo emoções e conceitos que as palavras sozinhas não conseguem expressar. Além disso, o formato de um livro ilustrado pode ser muito variado, adaptando-se ao conteúdo e ao estilo da história, tornando cada livro uma experiência única (Cunha, 2024, p. 10).

A partir da Figura 1 tenta-se, cujo é uma ilustração manual, representar o livro ilustrado como um material que registra e se expande. O início, então, se dá a partir do material tipo Diário de Bordo, cujo valor está no detalhamento que possui enfoque em visitas ou eventos específicos. Em segundo, abordamos reflexões sobre



os tipos de material definidos como Livros Didáticos, que também estão presentes não apenas no ensino de Arte, mas também em outras disciplinas quando nos voltamos ao ambiente de ensino formal. Por fim, nos aproximamos do tipo de material Caderno de Artista, em que quem o faz precisa entender seus processos e trabalhar a partir das zonas do autoconhecimento em seu fazer artístico.

**Figura 1** – Ilustração em que o livro, como registro, se expande



**Fonte:** A autora<sup>3</sup>.

Os mesmos fatores que tornam aptos grande parte dos diários de bordo e cadernos de artistas são livros ilustrados (em sua característica intimista), em que se opõem quando tratamos em falar sobre livros didáticos. Ao se tratar de produção na contemporaneidade, seu principal fator está voltado à fabricação dos diversos exemplares em massa. Paralelo a isso, ao mesmo tempo que são voltados para séries específicas, ao produzir livros didáticos precisa-se compreender que ele é criado de forma conjunta, suas imagens não são produzidas por seus autores e elas participam mais de uma espécie de complementação visual dos elementos textuais em que estão inseridas. Com isso, as características editoriais as quais os livros didáticos possuem, os agrupam nos livros com ilustração.

Sendo assim, Cunha (2024) aponta que no livro ilustrado os recursos voltados ao conteúdo textual e de imagem possuem independência na leitura e mútua importância em que “as ilustrações são fundamentais para a compreensão completa

<sup>3</sup> Iris Alessandra da Silva (2024)





da história, muitas vezes contando partes da narrativa que o texto não aborda” (Cunha, 2024, p.11). Já em relação aos livros com ilustrações, as imagens têm função “mais como um complemento visual ao texto; elas enriquecem a experiência de leitura, mas não são essenciais para entender a história” (Cunha, 2024, p. 11). Vale a pena mencionar que, embora diferentes entre si, ambas as visualidades encontradas nos materiais refletidas no presente trabalho corroboram de diferentes formas nas visualidades do interlocutor.

No que se refere às atribuições do imaginar, a partir de Celiane Camargo-Borges (2020), elas capacitam o sujeito em “ir além do estabelecido, da realidade” (Camargo-Borges, 2020, p. 7), desencadeando novas combinações de sentido. Portanto,

a imaginação adota uma visão fluida e flexível de sentidos, incentivando a inventividade, a espontaneidade e a novidade. Através da imaginação, podemos criar novas imagens e cenários nunca antes pensados e, ao imaginar essas imagens e cenários, abrimos a possibilidade de trazê-los para a realidade. A imaginação também dá espaço à emergência de processos que são sementes de ideias que, quanto combinadas, podem trazer novas possibilidades (Camargo-Borges, 2020, p. 7).

Com isso, os processos abarcam a imaginação por originar formas de ler o mundo. Em que registrar seus pensamentos em torno daquilo que foi e se é vivido na realidade possui potenciais de expansão para expressão artística.

## 2.1 DO LIVRO COMO DIÁRIO DE BORDO

O livro formulado a partir de uma concepção de relato pessoal possui formação orgânica, cujo a organização das palavras traz à tona os momentos vividos e/ou observados em eventos. O enfoque na pesquisa, tenha ela participação efetiva ou constatação de ação através do pesquisador, encontra no diário de bordo um auxílio para que as reflexões não se esvaziem no pensamento. Ao relatar por meio de um diário de bordo, esse formato perfaz caminhos cujo há possibilidade de que quem o faz acabe revisitando perspectivas mais próximas aos momentos vividos.

A partir do trabalho desenvolvido pela Mônica de Lima Bolsoni (2021) foi possível refletir em torno do formato diário de bordo e suas elucidações nas artes



visuais. O trabalho detalha a análise dos materiais em que estão destacados em primazia critérios que levam em consideração as visualidades, em que o texto não segue apenas seu critério de relato técnico. Para a formação do fazer artístico, é importante indicar que são necessários não apenas os recursos textuais, mas torna-se imprescindível “refletir os aspectos imagéticos quanto aos sentidos que certos signos visuais, na sua estreita relação com a narrativa, experiência e vivência” (Bolsoni, 2021, p. 29), para que só assim sejam interpretados os sinais de vivência os quais quem escreve o diário resolveu colocar no material.

Para um artista, o registro do diário de bordo pode facilitar o pensamento do que ocorreu no processo criativo, perpassa por constatação (fixas ou mutáveis) no fazer arte. A partir disso, os processos poéticos passam pelo crivo do que se pode compreender para além do que se interpreta nas artes visuais. O metafísico, quando transcrito, passa a ter registro de ideias que, a partir do objetivo de uso do artista-pesquisador, traçam o caminho que indica o que lhe tocou para a formulação da ideia, o que faz parte da obra gerada.

Embora encontra-se “restrita” a certo evento, delimitação temporal ou processo de pesquisa, o diário de bordo pode trabalhar com o imaginário ao remeter a memória daquilo que nele é relatado. Sendo assim, suas potencialidades de abordar o imaginário perfazem o caminho das lembranças sobre o acontecimento a ser registrado. A disposição dos recursos ilustrativos, assim como sua criação também são importantes para a composição do diário de bordo. Para que consiga fazer um livro dessa formatação é necessário que quem o faz descreva com riqueza de detalhes, mesmo que o material resultante seja feito para armazenamento pessoal, afinal cada detalhe enriquece um relato.

## 2.2 DO LIVRO DIDÁTICO E SEU USO AO LONGO DO TEMPO

O ponto inicial do que se deve refletir sobre o uso de livros na educação pode encontrar-se posto em diversos sentidos. Para o presente trabalho pode se dar a partir da utilização desses recursos desde a educação religiosa, para fins educacionais de formação de um indivíduo embasado nas imposições em primazia católica. Portanto, Carlos Roberto Jamil Cury (2002) relembra que



leitura e interpretação de livros em geral, ou dos livros sagrados eram reservadas aos bacharéis e aos teólogos, autorizados pela Igreja Católica. Daí porque a transmissão oral ganha relevância sobre a transmissão baseada no acesso à leitura e à escrita a todos. (CURY, 2002, p. 87)

O que por muito tempo passou por diferentes opiniões, procurou o significado atrelado ao limite do material livro como recurso de instrumento didático, cujo o que estava escrito deve ser estudado passa por pensares históricos diversos. Sua críticas principalmente em relação a atividades práticas que, uma vez que as realidades são plurais, algumas atividades não contemplam todos os públicos que fazem uso de um mesmo material didático. Na formação do fazer arte, a indicação dos livros didáticos, em geral, perpassa pela função de demonstração de expressões artístico-culturais e exemplificação por meio das imagens e textos.

Seja a partir da exposição de manifestações da arte em diferentes períodos históricos ou certa descrição das técnicas na arte ao decorrer das páginas, o livro didático sintetiza alguns conhecimentos em que se prioriza a capacitação do indivíduo em compreender e desenvolver quesitos acadêmicos voltados para arte. Nas artes visuais, na formação do sujeito social em que se corrobora o fazer arte, o livro didático é um material de apoio.

A partir do momento que a alfabetização é iniciada na vida da criança, os recursos imagéticos vão diminuindo e a narrativa escrita se consolida como protagonista, por vezes, a ilustração é menosprezada como algo que não corresponde a essa faixa etária, já que eles já são considerados alfabetizados e capazes de realizar uma leitura independente, essa associação define a ilustração apenas à uma descrição visual do texto (Cunha, 2024, p. 8).

Estimular o senso crítico é um desafio encontrado nas práticas educativas em todas as etapas de formação do conhecimento. Resgatar esse incentivo artístico faz-se necessário para efetividade na importância da arte na formação do indivíduo, cujo fator que traz a visão epistemológica do fazer arte a partir daquilo que ainda não se encontra posto e na escola lhes é apresentado. Sendo assim, é importante avaliar as estratégias adotadas nos materiais didáticos a fim de compreender os reais êxitos e problemas enfrentados no processo de aprendizagem dos alunos que utilizam o livro didático como apoio no processo do fazer arte.

No que se diz respeito ao estímulo do imaginário, embora sendo o formato de livro mais comum nos ambientes escolares, o livro didático necessita de uma





mediação: a do professor. Sendo assim, mesmo que uma atividade proposta use uma prática artística elucidativa ao ato de criar, é preciso que sejam evidenciados conteúdos e descritas as propostas da atividade a priori. Com isso, os critérios para o uso do formato livro restrito apenas o livro didático para o ensino de artes é assunto de constante discussão, uma vez que existem conteúdos que necessitam de um maior aporte para que o processo de ensino e aprendizagem seja efetivo. Embora isso, é possível fazer uso dos livros didáticos para realizar sua funcionalidade na ambientação de temáticas que precisem de recurso visual para fomentar o imaginário, a depender do material usado quem ministra aula consegue associar a vivência do conteúdo às imagens e vivências dos discentes.

### 2.3 DO CADERNO DE ARTISTA EM SUAS MÚLTIPLAS CAPACIDADES

Em relação ao livro de artista, sua funcionalidade perpassa pelos diferentes estágios de criação. É nele que o fazer arte traz uma síntese do que o artista pretende abordar, em que o fazer arte se encontra com a intencionalidade na transmissão de determinada sensação de quem o lê. O material em que se resulta o livro de artista, apesar de não ser muito atribuído no ensino formal de arte de maneira didática (ensino básico), possibilitando potencialidades acadêmicas imensuráveis, tanto como material de apoio no processo de ensino/aprendizagem quanto produto final do conteúdo próprio sujeito que aprende.

No que se refere a diversificação de materiais que podem ser utilizados na fabricação de um caderno de artista (em sua versão originalmente manual) existem diversificadas possibilidades. Ao que se diz respeito, o vínculo estabelecido entre material e artista, Eliane Patrícia Grandini Serrano (2017) aponta que este realiza um trajeto em que o material utilizado na confecção de uma peça, no presente texto sendo o caderno de artista, “funciona como mediador na instauração de sua linguagem” (Serrano, 2017, p. 20).

Ao passo que essas escolhas intimistas que iniciam na escolha dos materiais de confecção do caderno e perpassam pelos processos de criação dele, a importância no desenvolvimento da linguagem artística começa a tomar forma.



O processo criativo não é somente prazeroso, fruto da inspiração; ao contrário, é um processo complexo, ativo e objetivo, no qual a imaginação ganha vida a partir da percepção da realidade e reorganiza as impressões sobre essa realidade em uma nova forma a ser concretizada no contexto real (Serrano, 2017, p. 25).

Além disso, existem diversas formas de novas tecnologias que podem despertar o interesse em fazer arte de forma efetiva, independente se o ambiente é formal, não formal ou informal. Sendo assim, é possível aliar a utilização de instrumentos digitais que acionem o potencial no fomento a um novo conhecimento artístico, podendo o caderno de artista receber um formato digital. O encontro das conexões mais importantes faz com que a análise encontre seu grau de complexidade, como uma forma mais avançada de interligação de elementos artísticos com temas externos que se conversam ao longo do estudo, quantificando consideravelmente as conclusões pessoais do leitor.

As potencialidades do formato caderno de artista também podem ser atribuídas ao caráter de acessibilidade. Com isso, a efetividade do material mencionado intensifica processos artísticos para pessoas com deficiência, por exemplo. A partir do momento em que o caderno de artista começa a existir, ao passo em que se tem contato com o público, é possível que suas interpretações sejam das mais variadas, quesito que desperta interesse e, quando guiado, pode frisar em determinados pontos: pessoais (do artista), acadêmicos e de convergência com quem tem contato com o material.

Uma vez que utiliza a liberdade criativa desde o início até sua conclusão, a manifestação do imaginário no caderno de artista se faz presente em todos os momentos. A partir da decisão para dar início busca de inspirações, o artista passa por etapas de elaboração, elas por sua vez perfazem caminhos únicos e que são atrelados direta e indiretamente pelo ato criativo, caso opte em apresentar seu material para outras pessoas, pode optar por estratégias diferentes para transpassar seus sentimentos através do material. Seja em texturas, imagens, palavras ou no despertar de sentimentos, o caderno de artista possui potencialidades ativadas para quem o formula e para quem o lê, caso tenha seu intuito em ser compartilhado.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**



As reflexões do texto só foram possíveis devido ao aporte do programa de pós-graduação, por meio de sua leitura ao incentivo estudantil do CNPQ. Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, o presente artigo foi importante para que organizássemos ideias relacionadas a utilização de materiais mais usados no processo de ensino e aprendizagem: o livro. Sendo com ilustração ou ilustrado, o livro ainda é um comum recurso de utilização de consulta e registro da memória, não apenas de conhecimentos acadêmicos e puramente textuais, mas também de vivências plurais.

Ao expor quesitos dos materiais diário de bordo, livro didático e caderno de artista, foi possível refletir acerca do fomento do fazer arte a partir dos formatos que encontramos durante as leituras. Essas formas de expressão e compartilhamento de conhecimentos fazem com que sejam possíveis visualidades em diferentes etapas do sujeito artista. Além disso, ao elencar algumas das percepções podemos notar algumas formas as quais esses materiais se fazem presentes nas visualidades, sejam em um cotidiano escolar ou em um momento de autoconhecimento. O fomento de materiais que consigam tornar acessível o acesso à memória é de suma importância pois pode ser a partir dele que aconteça um despertar de imaginário, principalmente se os diferentes recursos forem utilizados de forma efetiva.

Referente ao processo de ensino e aprendizagem, o mediador do conhecimento escolar possui a função de orientar os alunos a fim de elucidar os pontos de determinadas temáticas voltadas ao ensino de Arte. Com isso, passa a ajudar na formação da cidadania do indivíduo, em que não só os materiais apresentados no texto como outros mais realizem a tentativa na otimização das práticas de ensino. Não obstante, a noção do professor no fazer arte com uso de recursos diversos necessita receber a devida importância, uma vez que ainda é possível perceber a precarização na prática da docência mesmo após décadas de luta. Com isso, o processo de fazer arte com o auxílio dos livros cabe a sofrer adequações pelos profissionais da educação. Uma vez que é um formato de constante recorrência disponível em grande parte dos ambientes de ensino de artes, como é possível utilizar o formato livro em três diferentes perspectivas, apontando seus quesitos analisados como positivos e negativos voltados à educação artística.

## REFERÊNCIAS



ALCANTARA, Marcos Angelus Miranda de; CARLOS, Erenildo João. Análise Arqueológica do Discurso: uma alternativa de investigação na Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Revista Intersecções**, Jundiaí/SP, v. 6, n. 11, p. 59-75, 2013. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaInterseccoes/article/view/1152>. Acesso em: 04 jul. 2022.

BOLSONI, Mônica de Lima. **O diário de bordo como poética de (re) conhecimento de si: revisitando uma experiência de estágio supervisionado em Artes Visuais**. 2021. 172 f. Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/17535>. Acesso em: 20 set. de 2025.

CAMARGO-BORGES, Celiane. Criatividade e imaginação: a pesquisa como transformação de mundo!.. **ARJ–Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes**, Natal, v. 7, n. 2, p. 1- 17, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/21300>. Acesso em: 19 ago. 2025.

CUNHA, Maria Eduarda Mendonça. **Fayga: o livro ilustrado como recurso didático para professores de artes visuais**. 2024. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais. Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/43083>. Acesso em: 10 set. 2025.

CURY, Carlos Roberto Jamil.. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 245-262, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/x6g8nsWJ4MSk6K58885J3jd/?format=html&lang=pt>. Acesso em: dia 20 set. 2025.

GROYS, Boris. Sobre o ativismo artístico. *Trad:* Caroline Alciones de Oliveira Leite e Luiz Sérgio de Oliveira. **Poiésis**, Niterói, v. 18, n. 29, p. 205-219, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/326795234\\_Sobre\\_o\\_ativismo\\_artistico](https://www.researchgate.net/publication/326795234_Sobre_o_ativismo_artistico). Acesso em: 15 set. 2025.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 128 p.

SERRANO, Eliane Patrícia Grandini. DIMENSÕES REPRESENTATIVAS: O MATERIAL NA VIVÊNCIA DO ARTISTA. In: BAMONTE, Joedy Luciana Barros Marins; SARZI-RIBEIRO, Regilene Aparecida (org.). **Interstícios da Pesquisa nas Artes Visuais**. Bauru, SP: Canal 6. p. 15-31. Disponível em: [https://www.canal6.com.br/livros\\_loja/Ebook\\_Intersticios\\_Pesquisa.pdf](https://www.canal6.com.br/livros_loja/Ebook_Intersticios_Pesquisa.pdf). Acesso em: 19 ago. 2025.